

## O ato de leitura em literatura e em psicanálise

Resenha de Enrique Mandelbaum, **Franz Kafka: um judaísmo na ponte do impossível**, São Paulo, Perspectiva, 2003, 264 p.

“Onde fui me meter!” Assim começa Enrique, e assim começo eu a resenha de um livro cuja arquitetura lembra um trabalho em tear: uma multidão de fios que produzem um tecido complexo e organizado, esteticamente impecável – daí o receio de não lhe fazer justiça.

O que faz Enrique, em vários planos distintos, vinculando-os uns aos outros – contos de Kafka, de Rabi Nakhman, fragmentos do diário de Kafka, elementos da vida judaica em Praga, para ficar só em alguns deles – é ler, e interpretar o que lê. Fá-lo com tamanha maestria – acompanhar a leitura que Enrique faz dos contos já vale o livro! – que o leitor, mesmo não sendo um entendido em literatura, Kafka ou judaísmo, jamais está só. Ao conseguir vincular, surpreendentemente, todos esses planos, o autor cria para nós, com sua escrita, um terreno firme para a leitura e, sobretudo, prazeroso.

O argumento central, em realidade, é multicêntrico, e cada centro remete ao outro. Tentarei circunscrevê-los.

Tanto Kafka (1883-1924) como Rabi Nakhman (1772-1810) tematizam e, ao mesmo tempo, presentificam para o leitor, mediante sua peculiar estrutura narrativa, personagens aprisionadas em si mesmas, em situação de isolamento, buscando angustiadamente uma ponte, um elo de vinculação e de comunicação possível com o “fora-de-si”. A diferença é que Rabi Nakhman, por estar fortemente ancorado na tradição judaica, apresenta uma saída: uma carta que funciona como extensão da mão do pai ausente<sup>1</sup>, um sábio que consegue se comunicar com o príncipe-peru<sup>2</sup>. Já a obra de Kafka faz o oposto: parte do princípio de que não existe saída, e faz disso – desse fracasso, dessa ponte

impossível com o outro – o estofo mesmo de sua narrativa.

E mais: para Enrique, a sensação de isolamento, de incomunicabilidade, de “falta de chão, ar e mandamento” (como se expressa Kafka em seus diários), matéria-prima de sua literatura, pode ser remetida a um referente: a problemática questão judaica, tal como experimentada pelo autor. Uma bolha dentro de uma bolha dentro de uma bolha, pois Kafka pertence a uma das primeiras gerações de judeus europeus emancipados, que conservam a casca de uma tradição agora esvaziada de sentido, falando e escrevendo em alemão, e vivendo em Praga.

E mais: Enrique demonstra que os contos realizam, na e pela própria estrutura narrativa, o mal de identidade decorrente da questão judaica, embora jamais falando sobre judeus. Kafka faz com que o leitor mergulhe nesse clima sufocante de estranheza, de isolamento, de impossibilidade de “dar o fora daqui”<sup>3</sup>, de dar algum sentido a “Odradek”<sup>4</sup>, de “chegar à próxima aldeia nem que viaje a cavalo uma vida inteira”<sup>5</sup>. Os contos obrigam o leitor a interrogá-los, apenas para responder-lhe: “De mim você quer saber a resposta? Desista!”<sup>6</sup>. Ou seja, não há respostas, ao contrário de Rabi Nakhman. Para quem está numa condição em que falta o chão, o ar e o mandamento, há apenas perguntas irrespondíveis.

E mais: essas perguntas irrespondíveis representam a própria condição do homem contemporâneo. Como sabemos, a falta súbita de tradição, consequência imediata do anseio iluminista de desencantamento do mundo, não é privilégio dos judeus de Praga. A forma estética encontrada para criar, com as palavras, essa ponte impossível que o leitor tem de atravessar, sem jamais consegui-lo plenamente, alça aquilo que poderia ser uma experiência singular, à condição de universalidade. Citando Enrique: “Da especificidade de uma biografia que contém em seu interior fortes registros da história judaica, emerge uma literatura que expressa a difícil comunicação do homem moderno. Do desenraizamento pessoal de Kafka em relação ao seu judaísmo, [...] irradia-se uma poderosa rede de imagens, emerge um discurso eficiente para falar da alienação em geral a que os homens estão sujeitos na modernidade”.

Isso, do ponto de vista da literatura.

Mas, se esta resenha planta seus pés, tal como “a ponte”<sup>7</sup>, numa revista de psicanálise, é porque as ressonâncias com o campo psicanalítico estão fortemente presentes. O que Enrique faz, com maestria, o tempo todo, é nos mostrar como se lê um texto, como se o interpreta. Tanto que intitula os

capítulos em que o faz de “escuta dos textos”. Sem jamais apelar para algo que venha de fora deles, atém-se à riqueza do que se passa no interior da trama textual e, principalmente, no campo que se cria entre o texto e o leitor. É aí que se dá, para o leitor, a experiência de “desenraizamento”.

Da mesma forma, o psicanalista opera no interior da trama discursiva do paciente, buscando apreender, simultaneamente, forma e conteúdo, e atento, sobretudo, à dimensão performática da fala no campo transferencial, esse espaço que se cria entre analista e paciente. Se a narrativa de Kafka recria o clima do universo pessoal e social em que se move o autor – ou melhor, que o paralisa –, o paciente expressa e presentifica, através da linguagem, seu “mundo interno”. Assim como a interpretação sucessiva de oito pequenos contos de Kafka acaba por revelar algo em comum, uma espécie de eixo produtor, de *lógica de concepção*<sup>8</sup> do *objeto textual*<sup>9</sup>, o suceder das sessões vai permitindo ao analista configurar o eixo produtor, a lógica emocional que determina certo modo de ser que, sintomaticamente, se repete na vida do paciente.

Eis a bela ponte que Enrique oferta ao psicanalista: aquela que medeia entre o ato de ler, em literatura, e o ato de ler, em psicanálise.

### Notas

1. “Uma carta do rei”.
2. “O príncipe Peru”.
3. “A partida”.
4. “A preocupação do pai de família”.
5. “A próxima aldeia”.
6. “Desista!”.
7. “A ponte”.
8. A expressão é de Fabio Herrmann.
9. A expressão é de E. Mandelbaum.

Marion Minerbo é psicanalista, analista didata e docente da SBPSP, autora do livro *Estratégias de investigação em psicanálise*, Casa do Psicólogo, 2000. Sócia fundadora do Instituto Therapon Adolescência.